

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

LUAN KLOCK

**A INDÚSTRIA CALÇADISTA GAÚCHA - UM ESTUDO DAS RELAÇÕES
PRODUTIVAS E DOS ASPECTOS SOCIAIS DO ESPAÇO INDUSTRIAL DAS
HORTÊNSIAS**

São Leopoldo

2022

LUAN KLOCK

**A INDÚSTRIA CALÇADISTA GAÚCHA - UM ESTUDO DAS RELAÇÕES
PRODUTIVAS E DOS ASPECTOS SOCIAIS DO ESPAÇO INDUSTRIAL DAS
HORTÊNSIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de
licenciado em História pela
Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS

Orientador Prof. Dr. Marcos Antônio Witt

São Leopoldo

2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar, aos meus pais e minha irmã, que sempre me apoiaram, acreditaram no meu potencial, e que sempre me motivaram a continuar trilhando o caminho escolhido por mim.

Em segundo lugar, quero agradecer a minha namorada Joana, a qual sempre me serviu de inspiração para ser uma pessoa melhor, pelo incentivo e o ombro amigo, que com palavras acolhedoras sempre me deu forças e despertou o melhor de mim.

Agradecer também aos meus sogros e amigos, que através de conversas e conselhos, sempre estiveram ao meu lado neste e nos demais momentos.

Cabe ser grato também, ao curso de História da Unisinos, pela dedicação e pela busca da excelência quanto ao plano de ensino, ao Professor Marcos Witt, demais professores e colegas, pelo carinho, coleguismo, amizade e troca de experiências. Que possamos seguir nossas vidas com a mesma dedicação empenhada até aqui.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar e investigar o processo de formação do polo calçadista, a organização industrial, e as mudanças sociais que ocorreram no Rio Grande do Sul desde os anos 50, tendo como foco principal as regiões das Hortênsias e da Encosta da Serra.

A cidade de Picada Café, no Rio Grande do Sul, tem a indústria calçadista como sua principal atividade econômica, sendo um dos maiores centros produtores de calçados do estado. A partir da década de 1950, ocorreu a intensificação do processo de industrialização e interiorização do setor, com a implantação de modernas técnicas de produção, voltadas para o aumento da produtividade e de melhorias na relação entre funcionário e empresa. Essas transformações acarretaram num significativo crescimento populacional, resultantes de um longo processo de migração e descentralização das unidades produtivas. Logo, manifesta-se um novo tipo de trabalhador, o colono-operário, que surge como uma nova forma de recrutamento de trabalho nestas áreas periurbanas, e por isso, se torna o principal sujeito desta investigação.

Para realizar esta pesquisa, analiso diversas fontes historiográficas que nos ajudarão a entender a evolução da indústria calçadista no Rio Grande do Sul e suas microrregiões, nos possibilitando compreender a constituição do mercado e da força de trabalho deste setor, explorando as questões sociológicas e econômicas que foram decisivas para sua formação e ditaram esta atividade atualmente. A história oral foi utilizada afim de nos dar maiores informações da questão de força de trabalho do colono-operário. Esta investigação se dará através de entrevistas com antigos e atuais trabalhadores fabris, que dividiram seu tempo da roça com a indústria de calçados.

Palavras-chave: indústria; calçados; colono; operário; Picada Café.

ABSTRACT

This work intends to analyze and investigate the formation process of the footwear pole, the industrial organization, and the social changes that happened in Rio Grande do Sul since the 50s, having as main focus Hortênsia and Encosta da Serras regions.

Picada Café city, in Rio Grande do Sul, has the footwear industry as its main economic activity, being one of the largest shoes producing centers in the state. From the 1950s onwards, the process of industrialization and internalization of the sector took place, with the implementation of modern production techniques, aimed at increasing productivity and improving the relationship between employee and company. These transformations resulted in a significant population growth, resulting from a long process of migration and decentralization of productive units. Therefore, a new type of worker emerges, the worker-colonist, who appears as a new form of job recruitment in these peri-urban areas, and therefore becomes the main subject of this investigation.

To carry out this research, was analyze several historiographical sources that will help us understand the footwear industry evolution in Rio Grande do Sul and its microregions, allowing us to figure out the constitution of the market and the workforce in this sector, exploring the sociological and economic issues that were decisive for its formation and dictated this activity today. Oral history was used and will bring us more information on the issue of labor force of the settler-worker. This investigation will be carried out through interviews with former and current factory workers, who shared their time in the countryside with the footwear industry.

Keywords: industry, footwear, settler, factory worker, Picada Café

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da produção de calçados mundial	25
Figura 2 - Distribuição geográfica da produção de calçados no RS, 2010.....	32
Figura 3 - Mapa do COREDE do Vale dos Sinos, RS	33
Figura 4 - Municípios do COREDE Paranhana – Encosta da Serra, RS.....	34
Figura 5 - Mapa de São Leopoldo Colônia (Velha Colônia)	40
Figura 6 - Mapa da cidade de Picada Café, RS	42
Figura 7 - Moinho e Açougue Jorge Kuhn atualmente	43
Figura 8 - Moinho Jorge Kuhn no ano de 1930	43
Figura 9 - Mapa do IDESE por município, COREDE Hortênsias - 2012	44
Figura 10 - Fábrica de Calçados Brochier, 1981	46
Figura 11 - Galpão da família Kirschner, 1977.	47
Figura 12 - Fábrica de Calçados Dakota em Picada Café	47
Figura 13 - Foto antiga da empresa Curtume Ritter	48

LISTA DE TABELAS

Figura 1 - Consumo, Produção, Exportação e Importação de Calçados em 1998	27
Figura 2 - Mercado Mundial de Calçados em 1998.....	28
Figura 3 – Número de estabelecimentos no arranjo produtivo de calçados gaúcho por município nos anos de 1998, 2008 e 2012.....	35
Figura 4 – Participação estadual nas exportações de calçados do Brasil em quantidade e valores em anos selecionados	37

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Referenciais teóricos e procedimentos metodológicos.....	11
2.1 Levante bibliográfico e revisão biográfica.....	11
2.2 Embasamento da investigação: História Oral.....	11
3. A organização do trabalho industrial e os paradigmas de produção.....	13
3.1 A organização do trabalho industrial.....	13
3.2 Os Distritos Industriais.....	15
3.3 Os Arranjos Produtivos Locais (APL).....	16
3.4 Os Clusters.....	18
4. A transformação da industrial brasileira e gaúcha.....	20
4.1 As matérias primas e composições gerais do calçado.....	20
4.2 O processo produtivo calçadista.....	23
4.3 O panorama mundial do calçado.....	24
4.4 O panorama brasileiro do calçado.....	27
4.5 O panorama gaúcho do calçado.....	30
5. Os colonos na indústria de Picada Café.....	39
5.1 Uma breve história de Picada Café.....	39
5.2 A base econômica de Picada Café.....	45
5.3 As forças do trabalho industrial.....	49
6. Considerações finais.....	55

1. Introdução

Busco neste trabalho de Conclusão de Curso, analisar a formação da indústria calçadista brasileira e gaúcha, dando destaque a duas regiões denominadas Encosta da Serra e Hortênsias, que possuem forte relevância na produção deste bem de consumo desde o século XIX.

O presente trabalho se desenvolve tendo em vista a importância da indústria calçadista na sociedade que se formou na região de Picada Café, no Rio Grande do Sul, local onde resido a 26 anos.

O mesmo está dividido em três principais capítulos, que possuem como objetivo examinar as mudanças nos paradigmas de produção capitalista, assim como os novos métodos e conceitos de organização desta produção, como o surgimento dos Arranjos Produtivos Locais, Distritos Industriais e Clusters.

Estes pontos estão relacionados com o desenvolvimento e transformações desta indústria em âmbito nacional e estadual, abordando os diferentes agentes que participaram e participam até hoje, da construção de um dos maiores centros produtivos do país e do mundo.

Será apresentada também, uma breve análise histórica da formação do município de Picada Café, fundamental para compreendermos a ligação desta cidade para o desenvolvimento do polo calçadista que encontramos nesta localidade.

Neste ponto, será estudado o aparecimento de três grupos específicos de trabalhadores fabris, que segundo Schneider (2004), são provenientes das mudanças nas formas de organização da produção, da flexibilização dos processos produtivos e da descentralização das unidades industriais para as zonas periurbanas.

O primeiro grupo denominado de “operários antigos”, é formado pelo grupo de trabalhadores que ainda guarda uma forte ligação com os proprietários destas indústrias, ocupam cargos de confiança e transmitem os valores disciplinares e organizacionais aos demais funcionários.

O segundo grupo levantado por Schneider, trata-se dos “migrantes proletarizados”, os quais tiveram seu meio de subsistência afetado pelo processo

de modernização da agricultura, e migram para as regiões onde estão distribuídos os centros industriais, passando a exercer o papel de proletários.

A última categoria diz respeito ao “colono operário”, que surge da interiorização e da descentralização das unidades fabris calçadistas, em conjunto com o abandono do antigo sistema produtivo colonial.

Este grupo é denominado desta forma pois são trabalhadores industriais que ao mesmo tempo mantinham algum tipo de vínculo com atividades rurais ou agrícolas. Estas atividades poderiam ser tanto trabalhos permanentes como temporários, para subsistência ou fonte de renda extra.

Estes grupos de trabalhadores são facilmente encontrados na localidade de Picada Café e região, assim sendo, ajudaram a construir não só a forte indústria local, como uma sociedade trabalhadora e orgulhosa de sua origem e de suas realizações.

2. Referenciais teóricos e procedimentos metodológicos

O presente estudo ocorreu a partir de análises e levantamentos bibliográficos que discorrem no que diz respeito às características da indústria calçadista gaúcha e sua transformação ao longo dos anos. Dentre a bibliografia estudada quanto à indústria em si, destacam-se os trabalhos de Reis (1994) e Corrêa (2001). Já no que se refere à mão de obra migratória e colonial, nos basearemos nos trabalhos de Schneider (1994) e Seyferth (1984).

Uma pesquisa de campo mediante a aplicação de uma breve entrevista com duas forças de trabalho encontradas na região, nos ajudará a compreender e interpretar os dados encontrados na análise bibliográfica, pois interpreta a organização industrial da região em questão, assim como nos possibilita compreender como se deu a implantação do colono na indústria de calçados.

2.1. Levante bibliográfico e revisão literária

O levantamento bibliográfico e a revisão literária constituíram a principal ferramenta desta pesquisa. Nestes instrumentos se encontram os aspectos teóricos e metodológicos que me conduziram ao longo da realização do seguinte trabalho. No Brasil, existem vários trabalhos deste gênero, porém, a pesquisa em questão foi realizada tendo como foco o arranjo produtivo de um local específico, e o estudo sobre o mesmo ainda se encontra em desenvolvimento.

Para a realização deste trabalho foram utilizados documentos e artigos que tratam desde os modelos de produção fordista e taylorista, o complexo coureiro calçadista brasileiro, a indústria calçadista gaúcha, as transformações sociais, econômicas e demográficas das regiões afetadas pela indústria e a formação dos diversos tipos de operários, questões que se unem para abranger e conquistar os objetivos propostos aqui.

2.2. Embasamento da investigação: História Oral

O uso da história oral também foi de grande relevância neste trabalho, visto que o seu objetivo também compete conhecer os aspectos sociais e o modo de vida dos tipos de operários denominados “trabalhador antigo” e “colono-

operário”, que se fazem presentes ainda hoje em diversas indústrias da região das Hortênsias e Encosta da Serra, e se tornam possíveis de serem explorados visto o seu fácil acesso e a possibilidade de recuperação de sua vivência e reconstrução de suas lembranças.

A recuperação da memória e a interpretação das lembranças dos entrevistados, foi feita através de um simples questionário, visando compreender como se deu o processo de industrialização da região e também dos operários em questão, que tiveram sua vida rural afetada e mesclada com a vida na indústria.

As entrevistas foram realizadas com três participantes, com idades entre 51 e 89 anos, sendo o primeiro residente do bairro Kaffe Eck em Picada Café, o segundo é morador do bairro Picada São Paulo, em Morro Reuter, o terceiro viveu por alguns anos no bairro Bela Vista em Picada Café, trabalhando em diversas empresas da região, onde atualmente possui uma empresa de vestuários de couro.

A escolha dos entrevistados se deu tanto por proximidade como por influência social e industrial na comunidade, pois os mesmos são moradores antigos das cidades em questão e possuem grande prestígio e participação na formação da sociedade encontrada atualmente.

A entrevista se baseou no interesse em conhecer a história de vida dos entrevistados com relação ao trabalho fabril, sua vida na comunidade e suas ligações com o meio rural existente em suas localidades.

3. A organização do trabalho industrial e os paradigmas de produção

Este capítulo pretende apresentar uma breve caracterização das mudanças nos paradigmas de produção capitalista, que desde o século XX, vem apresentando mudanças nos processos e na organização do trabalho industrial, que acaba afetando os mais variados ramos industriais. Estas mudanças serão apresentadas de forma breve e objetiva, contextualizando os conceitos dos arranjos produtivos, dos polos industriais, dos distritos industriais e dos clusters.

3.1 A organização do trabalho industrial

Através da Revolução Industrial tivemos significantes mudanças na organização social, política e cultural, assim como nos meios de produção. Onde antes o artesão prestava a tarefa de produzir, hoje essa produção ocorre através da distribuição das tarefas e funções, intensificando assim, a divisão social do trabalho, através de um sistema, chamado por Rossetti de “administração científica”, onde as áreas do trabalho foram desenvolvidas e moldadas para serem específicas, aumentando assim o nível de produção.

Dessa maneira, o trabalho é analisado em uma perspectiva individual, onde cada trabalhador se “especializa” numa determinada função, e a executa em um ritmo frequente, visando a alta produtividade. Este é um dos principais princípios do taylorismo, que acabou colaborando para o surgimento do fordismo, que buscou, segundo Moraes Neto (1989), “fixar o operário em um determinado posto de trabalho, com ferramentas especializadas para executar os diferentes tipos de ocupação, ao longo de etapas de acabamento do produto, até a sua conformação enquanto mercadoria.”

Com este pensamento, o fordismo, ao contrário do taylorismo, procura distribuir o trabalho e as tarefas de forma coletiva, e não mais individual, implementando esteiras e equipamentos, visando a produção em massa através de um novo sistema de reprodução da força de trabalho e da fabricação em larga escala, novos processos produtivos de fluxo contínuo e de linhas de montagem.

O trabalho na indústria de calçados está mais associado ao modelo taylorista, onde se manifesta através da repetição e da padronização dos movimentos dos operadores.

A organização da produção pelo modelo fordista perdurou até meados de 1973, quando seu regime de acumulação fica em evidência, transpassando suas características negativas e gerando grande instabilidade social, principalmente pelo fato de as grandes massas não qualificadas serem submetidas a grandes ritmos e péssimas condições de trabalho.

Além dos fatores citados acima, a crise deste modelo foi influenciada ainda pela crise do petróleo em 1973, pelo surgimento de países rivais no âmbito industrial e pela estagnação da produtividade seguindo os métodos tayloristas. (PINHEIRO, 1993).

Revitalizações em escala local e regional contribuíram através da reestruturação organizacional e trabalhista das empresas que empregavam um modelo de trabalho intensivo e enérgico, ocasionando na flexibilização do modo de produção destas indústrias.

A organização especial do trabalho surge por tanto, como uma via de mão dupla para a organização dos espaços industriais de forma flexível, através da externalização da produção, tornando-se uma estratégia para as empresas que buscam reduzir custos, refletindo resultados em escala global, nacional e regional, sob forma de Arranjos Produtivos Locais, Distritos Industriais e Clusters.

Ao longo dos anos, diversos autores e pesquisadores, apuraram e investigaram novos e antigos conceitos e modelos de produção, e como resultado disso, destacaram a importância da proximidade geográfica como um fator fundamental para a inovação e competitividade.

No campo calçadista, foco deste trabalho, a aglomeração manifesta-se na confecção de um produto em específico, base da economia de uma determinada região, a fim de atender a demanda da reprodução capitalista, estagnada pela crise da década anterior.

Segundo Schmitz (1989), os polos industriais se constituem do agrupamento de um número de empresas em uma cidade ou região, voltadas para a confecção de um mesmo produto final, podendo ser este o mesmo tipo de produto, como por exemplo o calçado, ou produtos variados deste artigo final, como neste caso navalhas, gabaritos e materiais de cabedal, o que torna a economia da região voltada para o mesmo produto, levando assim a região a um amplo desenvolvimento local, econômico e social.

A questão da identidade sociocultural também é trabalhada por Schmitz (1994) e por diversos outros autores, os quais tratam o tema como facilitador das relações entre empregados e empregadores assim como as relações entre as firmas.

3.2 Os Distritos Industriais

O conceito de distritos industriais recentes surge da atenção especial quanto as adversidades dos sistemas produtivos locais e da debilidade dos modelos de produção fordista/taylorista. Este episódio se dá primeiramente no norte e nordeste da Itália, região chamada de “Terceira Itália”, direcionado a setores tradicionais como o têxtil, o de vestuários, o calçadista e o de alguns alimentos mais simplificados.

Este conceito é fundamentado a partir das análises de Marshall (1842-1924), que em sua obra “Princípios da Economia” indica o dinamismo econômico e as vantagens das aglomerações empresariais, que criam também uma identidade sociocultural.

Ao final do século XIX, Alfred Marshall analisa a natureza das firmas e da organização das indústrias inglesas, buscando identificar os motivos que tornavam algumas firmas mais consistentes diante das suas concorrentes, principalmente quanto ao uso dos recursos e da organização do processo de produção. Enquanto a concentração de firmas em determinada região proporcionava certas vantagens, outras firmas isoladas não desfrutavam destes benefícios.

Como resultado da sua investigação, Marshall constata que as pequenas empresas localizadas nestas regiões de aglomeração são capazes de se beneficiar melhor das economias externas, devido ao melhor acesso aos recursos industriais, aos fornecedores e mão de obra, esta última, podendo se tornar qualificada mais facilmente em razão à disseminação do conhecimento oriunda também da aglomeração.

Podemos também compreender as vantagens das aglomerações através de alguns pontos levantados por Xavier Sobrinho (1997), como por exemplo, a Flexibilidade, que facilita a organização da produção num fluxo integrado entre as empresas, a Capacidade de Inovação, que ocorre através da atualização tecnológica e processual, aumentando a eficiência da produção do aglomerado, e as Relações de Trabalho, que decorre pela associação entre empresas e sindicatos afim de buscar competitividade entre as empresas e resolver conflitos.

Para Costa (2007), os distritos industriais foram desenvolvidos “como um sistema sócio territorial demarcado historicamente, no qual interagem determinantes sociais, culturais, políticos e econômicos, que se interinfluenciam no desenvolvimento de uma cultura comunitária facilitadora da sinergia entre agentes locais”.

3.3 Os Arranjos Produtivos Locais (APL)

No Brasil, que entre 1980 e 1990 foi influenciado pelas experiências italianas, inglesas e norte americanas, foi desenvolvido o conceito de Arranjo Produtivo Local, também conhecido como APL, com o propósito de conduzir as políticas públicas de desenvolvimento industrial, por meio da substituição das importações e exportações de produtos manufaturados. Este conceito acabou sendo bem aceito devido ao investimento das grandes empresas privadas, sem a necessidade de investimentos públicos. Estas grandes empresas foram criadas ou atraídas para centros menos desenvolvidos, mas que possuíam boas perspectivas quanto as vantagens da aglomeração empresarial, com o objetivo de desenvolver estas regiões.

Estes APLs eram geralmente criados em regiões com fortes identidades socio culturais, o que beneficia em muito o relacionamento e a cooperação entre as empresas. Eles contam não somente com empresas na sua organização, mas também, com agentes sociais, econômicos e políticos, que buscam melhores condições, novos financiamentos e novas técnicas de produção, afim de prover novos produtos e processos.

A localização da indústria depende do tipo de produção que existe em determinada região, e o tipo de infraestrutura que facilitará a comunicação, o transporte, o acesso aos insumos, a mão de obra e a distribuição dos bens aos mercados consumidores.

Além dos pontos citados acima, a renda da região também é determinante para a localização das indústrias de aglomeração. Isso se dá, ao fato de regiões com uma renda superior cativarem profissionais especializados em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Como consequência do convívio e da interação entre os operários comuns e estes profissionais especializados, houve uma disseminação do conhecimento pelo aglomerado, que passou a conquistar e dominar novas técnicas de produção e de organização.

Nas proximidades dos distritos e dos aglomerados, surgem também atividades subsidiárias e serviços de terceirização do produto final, que oferecem as indústrias novas oportunidades, novos instrumentos e novos materiais, favorecendo a redução de custos de produção e o aumento da difusão do conhecimento entre as firmas, clientes e mercados, beneficiando tanto as pequenas quanto as grandes empresas, por meio tanto da cooperação quanto da competição, o que provoca a expansão e o fortalecimento do próprio aglomerado.

Marshall salienta também, que em contrapartida as vantagens das proximidades industriais, a aglomeração em determinada região a deixa à mercê desta única indústria, a tornando vulnerável economicamente, a partir das possíveis eventualidades, como a diminuição da demanda do produto em si, a inconsistência do fornecimento de matérias primas e insumos necessários para a confecção e exercício da indústria. Como solução a essas eventualidades,

Marshall sugere que na região se desenvolva também uma indústria secundária, o que aumentaria as opções de empregos e manteria o seu fluxo econômico.

3.4 Os Clusters

Já as concepções dos *clusters*, derivam de um conceito mais recente, onde é denominado por Amaral Filho (2001) como mais próximo de uma grande produção flexível do que uma pequena produção flexível.

O escritor Lopes Neto (1998) salienta a ideia de cooperação entre as empresas como forte característica de um cluster:

“Clusters significa, literalmente, aglomeração. A promoção de clusters enquanto estratégia de desenvolvimento consiste em estimular a formação de “um grupo econômico, constituído por empresas instaladas em uma determinada região, líderes em seus ramos, apoiado por outras que fornecem produtos e serviços” sustentadas por organizações que lhes oferecem insumos qualificados e especializados, no intuito de torná-las todas mais competitivas.” (NETO, 1998).

Já Porter (1998), compreende que cluster seja a concentração de empresas e estabelecimentos relacionadas por uma mesma atividade econômica. No que diz respeito aos estabelecimentos citados acima, encontram-se institutos de pesquisa e universidades, que promovem a capacitação profissional, a transmissão do conhecimento, e o desenvolvimento tecnológico, o que proporciona ganhos de custos, eficiências produtivas e a busca pela inovação.

Esta inovação, ligada a competitividade entre os agentes de um cluster, faz com que estes, busquem melhorar e atualizar os seus produtos sem excessivos aumentos de preço, visto que as técnicas utilizadas pelos seus concorrentes são parecidas.

Visando a lucratividade e a produtividade, novos modelos de organização da produção e do trabalho surgem, afim de suprir a necessidade e a demanda de novos estilos, novas tendências e designers, que requerem cada vez mais

versatilidade das empresas fabricantes, que são recompensadas pela sua inclusão competitiva no mercado regional, nacional e global.

Juntamente com a versatilidade que surge por meio deste processo, as empresas são beneficiadas também pela diminuição dos custos de produção, acarretadas por diversos fatores, como principalmente, a terceirização de serviços.

É importante salientar que o desenvolvimento dos distritos industriais, dos clusters e dos APLs é um processo de longo prazo. Estes relacionamentos não se estabelecem imediatamente e nem propositadamente, mas apenas com suporte de uma iniciativa privada ou estatal. A melhor política em relação as organizações espaciais de trabalho não é tentar criá-los, mas abrir espaço através de incentivo político, econômico ou institucional, para que as aglomerações se desenvolvam e se tornem as mais proveitosas possíveis.

Grande parte do crescimento na indústria calçadista, foco deste trabalho, se dá apoiada ao surgimento destas aglomerações e ao grande dinamismo que ela proporciona aos aglomerados. O maior exemplo disso é a região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, que hoje forma o maior polo produtor de calçados do Brasil com um grande número de empresas, o que representa aproximadamente 40% da produção nacional. A região possui uma grande concentração de empresas especializadas em calçados femininos, assim como instituições de ensino voltadas a especialização dessa indústria, se qualificando como um dos maiores clusters do mundo. (CORRÊA, 2001).

4. A transformação da industrial brasileira e gaúcha

O segundo capítulo deste trabalho visa apresentar brevemente as mudanças que ocorreram na indústria de calçados ao longo dos anos, assim como identificar as novas formas de organização da produção e do trabalho, que possuem como objetivo a melhoria e o aprimoramento dos antigos métodos e processos, aspirando a lucratividade e a competitividade.

Para melhor compreendermos os aspectos destas mudanças, é importante analisarmos numa primeira etapa, as principais características e composições do calçado, assim como os processos produtivos e as etapas de fabricação deste produto.

4.1 As matérias primas e composições gerais do calçado

Para uma pessoa comum, o calçado pode parecer um produto simples e de fácil fabricação, mas se analisarmos com atenção podemos compreender os diversos encargos que este bem de consumo possui. O calçado dispõe de muitas características únicas e particulares, tanto na sua composição quanto em sua fabricação, a fim de suprir as necessidades e direcionamentos dos diferentes estilos existentes.

Em resumo, o calçado é composto de dois principais elementos, o cabedal e o solado, estes possuindo peças, desenhos, estilos e funções específicas, que sinteticamente podemos representar das seguintes formas:

- Cabedal: Parte que cobre e protege a parte de cima, a parte de trás e as laterais do pé. A biqueira que vai no bico do calçado, e a lingueta que vai na parte de cima do pé, são peças que podem ou não fazer parte do calçado. À estas peças são adicionadas também alguns reforços, que garantem uma estruturação e proteção ao pé, sendo os principais deles, o reforço da vista, o contraforte e a couraça.

- O reforço da vista é utilizado nas laterais do calçado, e são responsáveis por dar armação na área onde é feita a aplicação dos ilhoses.

- O contraforte é o reforço colocado na parte traseira do calçado, entre o cabedal e o forro, com o objetivo de dar estrutura ao sapato e manter o calcanhar firme, garantindo segurança e conforto.

- A couraça é utilizada no bico do calçado, destinado a proteger os dedos do usuário, dar firmeza a região e garantir a sua boa aparência, sendo implantados principalmente em calçados infantis e calçados onde não é usada a biqueira de borracha.

- Solado: É considerado a parte inferior do calçado, responsável por proteger o pé do solo. Cada tipo e estilo de calçado pode possuir diferentes tipos de solado, dependendo a função e do visual que este deve ter. Esta parte inferior é dividida nas seguintes partes:

- A palmilha de montagem é o reforço utilizado na planta do pé sobre qual é fixada a sola de borracha. Ela possui a função de dar firmeza e resistência a região do solado.

- A sola é a parte externa do calçado, que fica em contato direto com o solo. Ela dispõe de grande parte da performance do calçado, que precisa conter certas propriedades, como flexibilidade, durabilidade, controle de umidade, leveza e resistência.

- A vira é a parte que vai em torno do solado e pode ser de diferentes materiais, como borracha, couro, juta ou sintético, estes podendo ser colados ou costurados.

Já se tratando das matérias primas, o couro surge como o material clássico utilizado na confecção do calçado, que desde de o início dos tempos foi utilizado na composição dos sapatos e proteções dos pés. Porém com o descobrimento de novas técnicas e novos compostos, outras opções foram surgindo e ganhando seu lugar na constituição deste bem de consumo, disponibilizando novas alternativas de estilos e preços.

Com o aparecimento destas novas alternativas de materiais, houve também a necessidade de novos equipamentos e mão de obra qualificada para desenvolver o produto e também garantir a diversidade de estilos e o conforto deste.

Existe hoje uma enorme variedade de estilos, formas, designs, preços e qualidade/conforto. Esta variedade está diretamente ligada a escolha do material utilizado na composição do calçado, destacando-se os seguintes:

- Couro: Como citado anteriormente, o couro aparece como precursor dos materiais calçadistas. Hoje em dia, pode ser considerado um material nobre a ser utilizado em confecções, devido a políticas ambientais, alta nos preços desta matéria prima e o alto número de processos que esta confecção demanda na fabricação do produto final. Hoje um couro bovino pode fornecer material para a confecção de cerca de 20 pares de cabedal, podendo ser tingido e estampando, garantindo uma grande variedade de estilos e design. Outras vantagens que esta matéria prima oferece em comparação aos outros materiais, é a alta capacidade de seu manuseio, de se moldar a forma, sua boa resistência ao atrito e maior durabilidade.

- Materiais têxteis: Surge como material básico na confecção calçadista, sendo uma opção mais viável quanto a custo, possuindo mais leveza e infinitas opções de cores e estampas, porém dispõe de menos resistência e durabilidade. Este componente possui diversas variações como tecidos de origem natural como o Algodão, a Lona, o Jeans, e tecidos de origem sintética como o Poliéster, o Nylon e a Lycra, estes últimos utilizados principalmente como forros.

- Laminados sintéticos: São compostos por uma base de PU onde é aplicada um acabamento plástico ou de PVC. São materiais utilizados como opção no lugar do couro, pois também possuem um maior resistência e durabilidade, sendo muitas vezes chamados erroneamente de “couro sintético”.

Além dos materiais citados acima, existem diversos outros elementos e insumos empregados na fabricação do calçado, como as borrachas vulcanizadas, que são utilizadas na vira que vai ao entorno do calçado, e o EVA que é utilizado em algumas entressolas e solas, e possuem a características de serem leves e macias, o que garante certo conforto e ergonomia ao produto.

4.2 O processo produtivo calçadista

O processo produtivo do calçado está dividido em uma série de setores, que são criados dependendo da necessidade das marcas, da fábrica, e da diversidade dos produtos desenvolvidos. Dentro disto, podemos indicar as principais etapas do processo de fabricação conforme abaixo:

- Criação e modelagem: É considerada a principal etapa de todo o processo de fabricação, pois é responsável pelo desenvolvimento, elaboração e especificações de procedimentos, classificações comerciais e definição de métodos e custos. Com isto é definido também o material a ser utilizado, o estilo do produto, o gênero e as dimensões do produto, em que para este último, são utilizados instrumentos modernos e computadorizados como o Computer aided design (CAD), usado na criação de peças e contornos.

- Corte: O corte das peças que compõem o calçado é realizado no setor corte, e são feitas de acordo com o desenho desenvolvido no setor de modelagem. O corte pode ser realizado de forma manual/artesanal com a utilização de pequenas facas de corte e moldes chamados de gabaritos, mas também pode ser feito com a utilização de navalhas em uma prensa hidráulica chamada de balancim, ou então em máquinas computadorizadas de corte a laser, que garantem um melhor aproveitamento dos materiais e uma melhor otimização deste processo.

- Preparação: Setor responsável por fazer a separação das peças após o corte, assim como pequenos processos de colagem de reforços, chanfrações e dobras. Este processo é feito em grande parte de forma manual, com a auxílio de ferramentas e de pequenos maquinários necessários.

- Costura: A costura das peças cortadas possui uma variedade de métodos e especificações, afim de garantir mais segurança e firmeza entre elas. A mais comum entre os tipos existentes é a costura ponteada, que consiste de um processo mais misto, onde o cabedal é fixado na palmilha de montagem, porém a sola é colada.

- Montagem: Na montagem ocorre a colagem dos materiais que compõem o solado com o cabedal, através de uma série de processos de lixação, limpeza,

aplicação de colas, prensagem e vulcanização (no caso dos calçados vulcanizados).

- Acabamento: Constitui o último setor de confecção do produto, onde através do trabalho manual é feita a conferência do produto, sua limpeza e os retoques necessários. Após isso, o calçado é finalmente encaixotado e entregue ao setor de expedição, a fim de ser comercializado.

4.3 O panorama mundial do calçado

O panorama mundial referente a produção e comercialização do calçado está amplamente dividida e segmentada, existindo empresas com amplos processos de produção, que utilizam altas tecnologias e formas de organização focada na alta demanda, e empresas que utilizam de tecnologias limitadas e de uma organização formada apenas para suprir os interesses capitalistas.

Esta segmentação vem se transformando ao longo dos anos, uma vez que o mercado europeu, por exemplo, detinha a maior parte do consumo dos bens calçadistas em couro para as classes mais altas, cuja as exigências e padrões de qualidade eram maiores, porém, o surgimento e alterações de moda, e a revitalização do clássico, diversificaram este mercado.

Podemos dizer que a segmentação da produção e da comercialização do calçado se dá por meio de dois tipos de calçados, o primeiro definido pelos produtos de alto padrão, com mais exigências de qualidade e design, e por tanto, com um custo mais elevado, sendo a indústria italiana a mais conhecida por isso.

O segundo tipo de calçado diz respeito aos produtos de menor qualidade e custo, que em escala global compete a sua produção aos países como Brasil, Espanha e México, e atendem a maior parte da população.

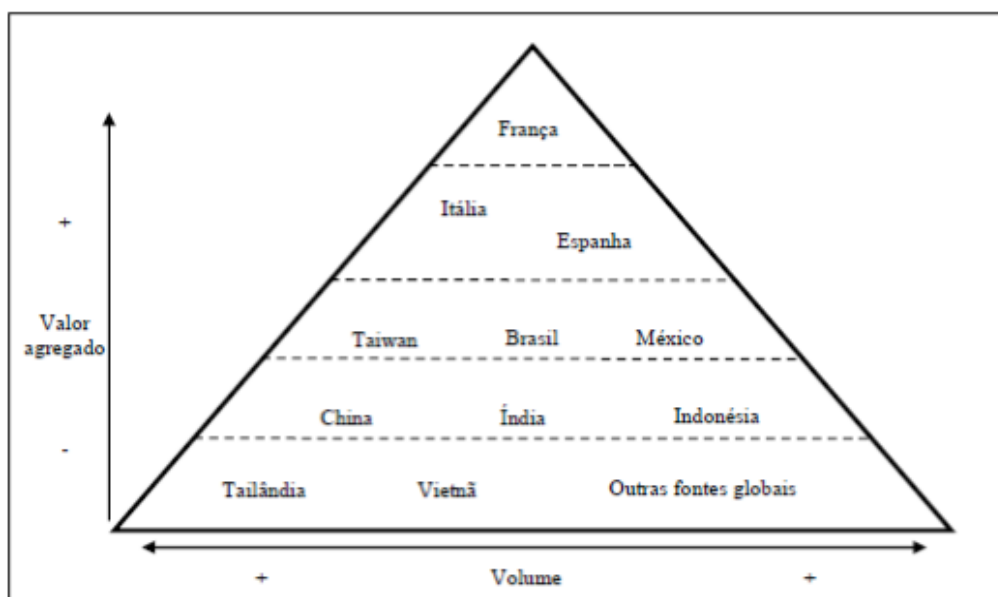
Garcia (2001) realça ainda, que países asiáticos como China, Índia e Indonésia, vêm ganhando destaque quanto a especialização e sofisticação da produção em massa de calçados em sintético e materiais têxteis, fazendo frente com os produtos europeus.

Após a segunda guerra mundial, os países desenvolvidos como os EUA, a França e a Inglaterra, voltaram sua economia para setores estratégicos, ocasionando na queda de produção e comercialização de produtos têxteis, calçadistas e de vestuário, não tão importantes para a reestruturação destes países.

Diante deste fator, ocorre um reposicionamento da indústria calçadista atendendo a necessidade de mão de obra abundante e barata, encontrados enfim, nos países em desenvolvimento, como os asiáticos e na América do Sul o Brasil.

A pirâmide abaixo nos ajuda a compreender de que forma ocorre a distribuição da produção de calçados no âmbito mundial.

Figura 1 - Distribuição da produção de calçados mundial



Fonte: Andrade, Leticia Braga de (2015), via Guidolin (2010), adaptado de Garcia (2001) e Sousa (2009)

No topo dela podemos encontrar a França, que mesmo com uma produção em pequena escala, se destaca na criação de tendências de moda e design para o mercado de luxo, que incluem sofisticadas marcas como Chanel, Hermès e Louis Vuitton, que mantêm suas parcerias e produção dentro da Europa.

Logo abaixo no segundo grupo, encontramos países como Itália e Espanha, que como mencionados anteriormente, possuem algumas vantagens

competitivas na criação de modas e tendências, com produtos bem trabalhados, e abrangentes tecnologias e maquinários.

Brasil e México ocupam a terceiro grupo através da produção voltada principalmente para o mercado interno, buscando inovações e diversidade em seus produtos e em sua cadeia produtiva. Taiwan também faz parte deste grupo, porém adota estratégias diferentes e relação aos outros dois países. Tendo seu mercado voltado principalmente para a exportação, o país ganhou parcerias através de certas competências como melhores prazos, níveis de qualidade, melhores preços e responsabilidades sociais e ambientais.

Já no quarto e quinto grupo, encontramos os países de maior produção tanto quanto para o mercado interno como para o mercado de exportação.

China, Índia e Indonésia contam com uma estrutura produtiva apta a atender grandes demandas de produção, que através de grandes investimentos e menores custos de produção devido principalmente aos baixos salários, fecharam parcerias com diversas marcas internacionais.

Já países como Tailândia e Vietnã são exemplos do grupo em que ocorre a subcontratação de seus serviços de baixíssimos custos. Eles surgem como alternativa para a produção de modelos mais simples e baratos, que dependem de menos processos e acabam com uma qualidade inferior dos demais produtos.

Mediante a este reposicionamento locacional da indústria calçadista, o calçado deixa de ser somente confeccionado para consumo interno, e passa a ser um item importante no mercado de exportação e importação de diversos países.

Parte da indústria calçadista global começa a apresentar grande inconsistência, o que possibilita o surgimento de subcontratações e a criação de pequenos e médios agentes, especializados numa específica etapa produtiva, como é o caso da formação dos *ateliês*, nome dado as oficinas calçadistas no sul do Brasil, a fim de minimizar os custos e encargos trabalhistas.

Dados de 1998 nos ajudam a ter uma noção mais ampla da reorganização da produção calçadista global, onde países desenvolvidos e grandes consumidores, como EUA, Reino Unido e Alemanha, se voltam a importação do

produto, enquanto os países em desenvolvimento como a China e a Indonésia passam a aumentar sua produção a concentrando na exportação.

Tabela – Consumo, Produção, Exportação e Importação de Calçados - 1998
(Em milhões de pares)

1998	Chi na	EU A	Hon g Kon g	Rein o Unid o	Alem anha	Fra nça	Indo nésia	Índia	Itália	Total
Consu mo	2.4 37	1.6 06	34	306	309	324	145	653	205	6.019
Produ ção	5.5 20	165	4	83	42	126	316	685	425	7.366
Export ação	3.0 86	36	1.02 6	37	58	54	173	32	382	4.884
Import ação	3	1.4 77	1.05 8	260	325	252	1	0	162	3.538

Fonte: Nery, Maria Goreth e Silva. (2003). Dados: ABICALÇADOS e SATRAS (2001)

4.4 O panorama brasileiro do calçado

A indústria calçadista brasileira se estabeleceu como significativo fornecedor do produto para o mercado mundial por volta da década de 1970, quando o produto passou a ser destaque nas exportações do país, sendo os calçados de baixo custo o foco de sua comercialização.

O desenvolvimento da indústria calçadista em si, surge sendo uma das mais antigas atividades fabris no Brasil, tendo início com a chegada dos imigrantes alemães no ano de 1824 no estado do Rio Grande do Sul, especificamente na cidade de São Leopoldo, na região do Vale dos Sinos.

A produção do calçado ocorre a partir de iniciativas individuais e especialmente familiares, que com o objetivo de aproveitar o couro, principal

matéria prima local, dá início a confecção de um produto rudimentar e artesanal, com uma alta procura e que exigia pouca tecnologia.

Na medida em que as atividades calçadistas adquiriram maior relevância econômica, ocorre a formação de um aglomerado tanto físico quanto institucional de suporte a este ofício.

Segundo Andrade e Corrêa (2001), o setor de calçados nacional em 1998 era composto de aproximadamente quatro mil empresas, que geravam cerca de 260 mil empregos e que poderia gerar juntos cerca de 520 milhões de pares por ano, colocando o Brasil já como um dos maiores produtores mundiais de calçados.

Com base na tabela abaixo, podemos verificar a relevância e a importância do Brasil no cenário mundial da produção de calçados, onde em 1998 chegou a ocupar o terceiro lugar com 4,7% da produção internacional com cerca de 516 milhões de pares produzidos.

Tabela – Mercado Mundial de Calçados - 1998 (Em milhões de pares)

País	Volume de produção	Porcentagem (%)
China	5.520	50,3%
Índia	685	6,2%
Brasil	516	4,7%
Itália	424,9	3,9%
Indonésia	316,3	2,9%
México	270	2,5%
Tailândia	260	2,4%
Paquistão	226,8	2,1%
Espanha	220,8	2,0%

Vietnã	212,7	1,9%
Total	86.525	78,8%

Fonte: Nery, Maria Goreth e Silva. (2003). Dados: ABICALÇADOS e SATRAS (2001)

A importância desta indústria na economia brasileira é explicitamente notória, podendo ser exemplificado através de dados da Associação Brasileira de Indústrias de Calçados (ABICALÇADOS), que nos mostra que em 2012 este setor empregava cerca de 330 mil trabalhadores diretos, em mais de 8 mil estabelecimentos.

Durante os séculos XIX e XX, a produção de calçados caminhou somente para o mercado interno, com grande expansão para os mercados regionais e posteriormente também os nacionais. Essa expansão e consolidação se explica em grande parte, pelo crescimento da população e da renda nacional, pela difusão tecnológica através da formação contínua e pela a criação de diversas escolas técnicas, cursos de treinamento e feiras de materiais e maquinários.

Reis (1992), enfatiza que o desenvolvimento no setor calçadista está atrelado ao aumento de renda citado anteriormente, e a fatores sociais como a melhora nos índices de desigualdade e a ampliação de ofertas de crédito, que ocasionaram no surgimento de uma nova classe média, propensa ao consumo em massa.

Já em 1960 diversos fatores incentivaram a internacionalização da indústria calçadista, como por exemplo a criação de políticas de exportação através de incentivos fiscais e crediários.

Porém, no final dos anos 1980 essa mesma indústria acaba sofrendo graves problemas de competitividade, onde por meio da abertura comercial, se viu em disputa com os produtos importados, fator que foi agravado na década seguinte pelo aumento das taxas de juros e a alta elevação dos custos de produção.

As exportações que tiveram início em 1960 estavam direcionadas especialmente para o mercado norte americano, maior consumidor global do

produto, focados em calçados femininos com preços baixos, grandes lotes de produção e especificações vindas diretamente dos compradores, como cores e modelos. Esta concentração neste tipo de produção viabilizou ao país, uma alta capacidade de produção em larga escala, acarretando também no crescimento dos espaços industriais e num maior cuidado com prazos, melhorias de métodos e processos e com a qualidade dos produtos.

Tendo isso em vista, podemos atestar que as grandes empresas buscaram e valorizaram aspectos como mão de obra de baixo custo e regimes e incentivos fiscais especiais. Já para as pequenas empresas, o fator regional passa a ser um ponto decisivo para seu bom desempenho.

Na busca por estes pontos e sob a estratégica de “guerra fiscal”, diversas empresas promoveram a criação de unidades fabris na região Nordeste do país, com o objetivo de manter a competitividade no mercado, transferindo apenas partes específicas do processo de produção, a procura de mão de obra mais barata, incentivos dos governos estaduais e buscando melhorar a logística exportadora em relação aos países do norte.

4.5 O panorama gaúcho do calçado

O surgimento da indústria calçadista no estado do Rio Grande do Sul data de aproximadamente 1824 e foi marcada pela chegada dos imigrantes alemães a região do Vale dos Sinos. Estes colonos passaram a produzir de maneira artesanal, diversos tipos de produtos derivados do couro, como arreios para montaria, cintos, chapéus e calçados rústicos.

Essa produção acabou se intensificando após o desenvolvimento e ampliação da criação de gado de corte em diversas regiões do estado, o que acarretou também na criação de vários curtumes. Já por volta de 1858, 34 anos após a chegada dos imigrantes, a região do Vale dos Sinos já contava com cerca de 32 curtumes. (Garcia, 1996).

Para Santos e Silveira (2001), o Vale dos Sinos pode ser considerado o polo industrial calçadista mais relevante do Brasil. A região abrange diversas cidades que se desenvolveram através da manufatura do calçado, entre as mais

importantes estão Novo Hamburgo, conhecida por um longo período como Capital Nacional do Calçado, São Leopoldo, Campo Bom, Sapiranga, Ivoti e Dois Irmãos.

Já Schmitz (1995), classifica o Vale dos Sinos como um “super cluster”, devido a maneira em que estão organizadas as indústrias calçadistas nesta região. O autor salienta também que a difusão de informações e a comunicação entre as unidades se faz de maneira muito ágil, e não se tratam apenas de questões comerciais, mas também culturais, sociais e da vida comunitária.

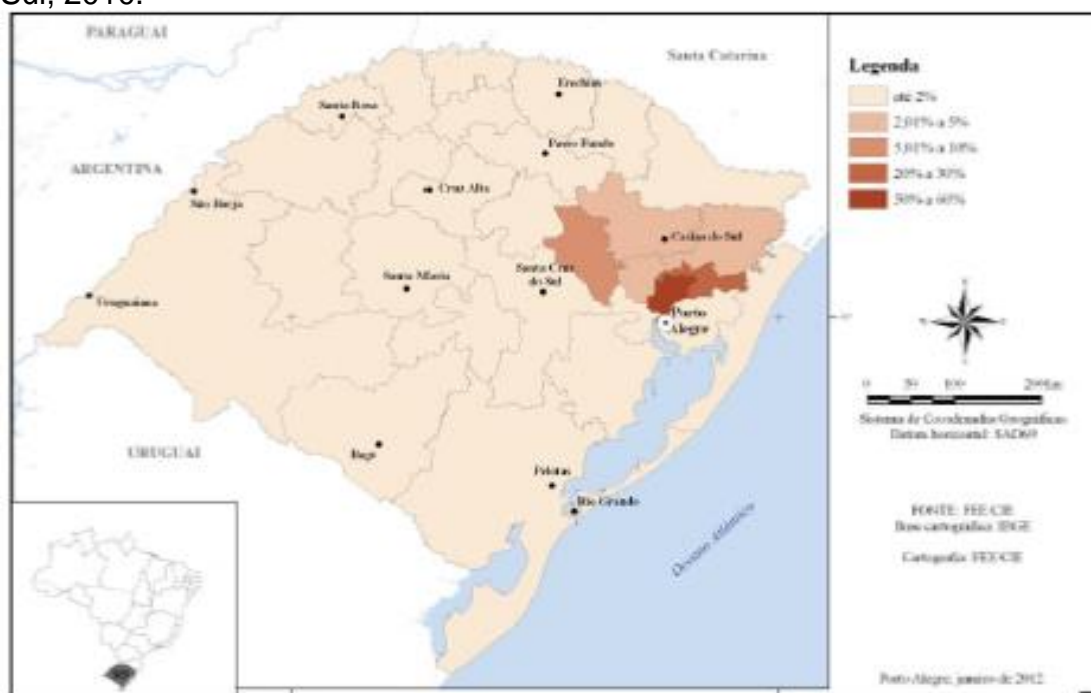
A criação de Conselhos Regionais em 1991 ajudou a organizar a atividade nos âmbitos políticos, institucionais, econômicos, sociais e geográficos. A existência destes centros institucionais torna possível a cooperação e a auto ajuda, que se transformam em competências e produtividade. Garcia (1996) acrescenta que:

“É possível observar especialmente na região do Vale dos Sinos, a existência de um conjunto de atividades relacionadas com a produção de calçados, como um setor produto de máquinas para a indústria calçadista, um setor de curtumes, de componentes para calçados e algumas instituições prestadoras de serviços à indústria. Assim, a concentração geográfica e setorial verificada na indústria brasileira de calçados, a exemplo de algumas experiências internacionais, favorece a criação de uma estrutura produtiva baseada nos ganhos de eficiência coletiva.” (Garcia, 1996)

O estado gaúcho conta também com outras regiões importantes para a indústria calçadista. O vale do Paranhana, o Vale do Caí, a região da Encosta da Serra e a região das Hortênsias possuem significativa relevância nesta atividade fabril.

Estas microrregiões, denominadas também de COREDEs, são demonstradas no mapa abaixo, que nos apresenta a distribuição da produção calçadista no Rio Grande do Sul no ano de 2010. Em primeiro está a COREDE do Vale dos Sinos, que em 2010 foi responsável por cerca de 50% a 60% da produção do estado. Logo atrás se encontra a COREDE Paranhana – Encosta da Serra com 20% a 30% da produção. A COREDE do Vale do Taquari ocupa o terceiro lugar com 5% a 10%, e as COREDEs do Vale do Cai, Serra e Hortênsias são reesponsáveis por cerca de 2% a 5% da produção do Estado.

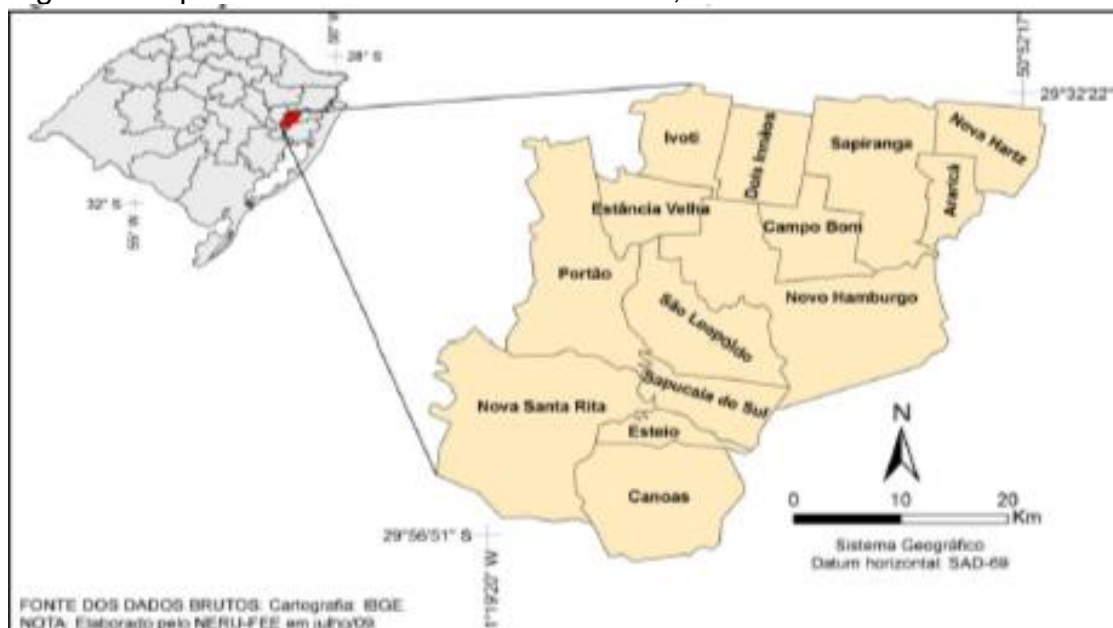
Figura - Distribuição geográfica da produção de calçados no Rio Grande do Sul, 2010.



Fonte: Andrade, Leticia Braga de (2015) Dados da FEE (2013)

Em resumo a COREDE do Vale dos Sinos é formada por cerca de 14 municípios, entre eles; Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul, que juntos somavam cerca de 1.298.000 habitantes em 2011.

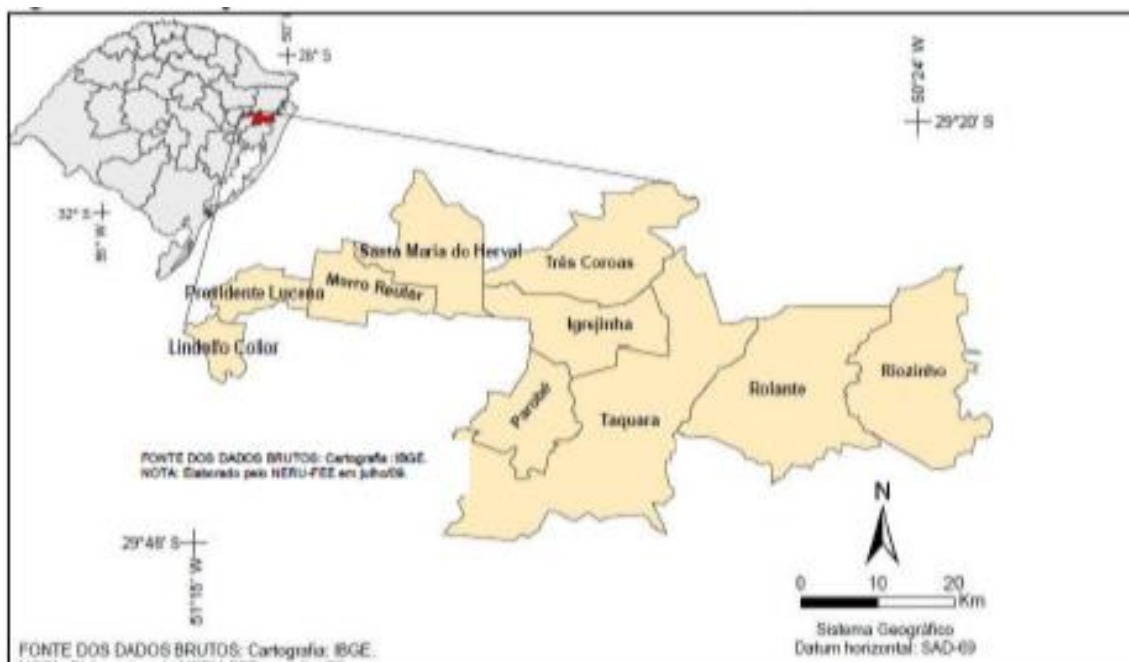
Figura – Mapa do COREDE do Vale dos Sinos, RS



Fonte: Andrade, Leticia Braga de (2015) Dados da FEE (2013)

Já a COREDE do Paranhana – Encosta da Serra, reúne 10 municípios com a população estimada de 206.355 habitantes em 2011. Esta região pode ser dividida em duas microrregiões no que se refere a organização administrativa. A região do Paranhana é formada pelas cidades de Igrejinha, Parobé, Rolante, Riozinho, Taquara e Três Coroas. A segunda microrregião denominada Encosta da Serra, é composta pelas cidades de Lindolfo Collor, Presidente Lucena, Santa Maria do Herval e Morro Reuter.

Figura - Municípios do COREDE Paranhana – Encosta da Serra, RS



Fonte: Andrade, Leticia Braga de (2015) Dados da FEE (2013)

Por fim, vale destacar também as cidades de Picada Café e Nova Petrópolis, pertencentes a COREDE das Hortênsias, que possuindo grande ligação econômica e étnica com as demais regiões, somaram juntas no ano de 2012, 41 unidades produtivas e mais de 3.500 vagas de empregos na área.

A tabela abaixo nos ajuda a compreender e comparar o número de estabelecimentos no arranjo produtivo de calçados no Rio Grande do Sul. Segundo o levantamento, em 1998 a região somava cerca de 64,6% do total de estabelecimentos do Estado. Já em 2008, este número subiu para 72,4% e em 2012 se elevou para 75,1%, o que nos mostra um avanço constante e extremamente importante para o contexto calçadista.

Já no âmbito nacional, dados da Abicalçados (2012), indicam a existência de cerca de 7,8 mil empresas calçadistas no Brasil em 2008 e 8,2mil em 2012, sendo a região analisada responsável por, respectivamente, 42,3% e 43,5% do total destes estabelecimentos.

Tabela - Número de estabelecimentos no arranjo produtivo de calçados gaúcho por município nos de 1998,2008 e 2012.

Município	1998	2008	2012
Araricá	5	27	26
Cambo Bom	145	308	308
Canoas	7	7	4
Dois Irmãos	87	143	128
Estância Velha	83	155	181
Esteio	6	2	2
Ivoti	39	46	50
Nova Hartz	39	91	108
Nova Santa Rita	0	0	1
Novo Hamburgo	411	723	718
Portão	28	42	55
São Leopoldo	63	81	84
Sapiranga	185	404	493
Sapucaia do Sul	14	10	8
Igrejinha	192	354	360
Lindolfo Collor	9	19	16
Morro Reuter	5	15	12
Parobé	66	254	344
Presidente Lucena	2	5	5
Riozinho	4	17	25

Rolante	48	111	147
Santa Maria do Herval	5	20	19
Taquara	57	93	112
Três Coroas	191	333	326
Nova Petrópolis	6	23	18
Picada Café	13	20	23
Total da região	1.710	3.303	3.573
Total do Estado	2.643	4.561	4.753

Fonte: Nery, Maria Goreth e Silva. (2003). Dados do RAIS (Brasil 2014)

Com o objetivo de se adaptar as mudanças na confirmação do mercado internacional de calçados provocadas pelo crescimento das exportações, as indústrias calçadistas gaúchas e brasileiras, buscaram o deslocamento das empresas fabricantes de calçados para regiões que apresentavam vantagens específicas como baixo custo de produção, baixo custo de mão de obra e logística na distribuição dos produtos, reorganizando os arranjos industriais do Brasil e do mundo.

No âmbito internacional, o Brasil havia se especializado em um tipo de produto de baixo custo. Porém ficou cada vez mais difícil competir com a produção asiática em termos de preços. Países como China, Indonésia, Vietnã e Tailândia marcaram o acirramento do mercado deste bem de consumo, assim como se tornaram exemplos de uma organização produtiva e ao mesmo tempo de baixo custo.

Foi neste período de mudanças organizacionais que se iniciou o deslocamento de algumas indústrias do Rio Grande do Sul e São Paulo para regiões do nordeste brasileiro. A mão de obra de baixo custo e uma série de incentivos fiscais oferecidos pelos governos nordestinos foram os principais fatores que ocasionaram a busca pela recuperação da rentabilidade e a

permanência da indústria brasileira na esfera competitiva do mercado calçadista. Para Santana (2015), essa transformação acarretou também mudanças em relação ao tipo de calçado fabricado no país.

A tabela abaixo nos ajuda a compreender o aumento significativo da participação dos estados nordestinos, em principal os estados do Ceará e da Bahia, no que se refere a quantidades e valores na produção de calçados. Podemos notar também a perda de espaço do estado do Rio Grande do Sul nestes quesitos, onde em comparação ao ano de 1998, em que era responsável por 76% da quantidade e por 86% dos valores exportados pelo país, passou para 13% e 35% respectivamente em 2012.

Tabela - Participação estadual nas exportações de calçados do Brasil em quantidade e valores em anos selecionados.

Exportações	1998		2008		2012	
	Mil pares	U\$\$ Milhões	Mil pares	U\$\$ Milhões	Mil pares	U\$\$ Milhões
Bahia	10	122	8.042	82.650	4.722	74.355
Ceará	15.105	65.230	57.317	346.273	48.482	319.748
Minas Gerais	558	3.169	1.402	16.223	1.306	17.863
Paraíba	3.098	9.772	26.194	77.771	29.136	108.668
Paraná	60	196	891	10.105	610	9.118
Pernambuco	98	374	6.258	11.537	4.287	9.976
Rio Grande do Sul	99.673	1.144.041	51.479	1.117.804	15.433	385.416
São Paulo	1.161	7.461	625	10.887	564	10.144
Sergipe	176	1.570	1.717	14.923	1.309	20.567
Outros	9.963	93.121	10.925	181.318	6.661	126.451
Total	131.015	1.330.484	165.792	1.881.308	113.274	1.092.934

Fonte: Nery, Maria Goreth e Silva. (2003). Dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior

Nesta perspectiva, o setor calçadista gaúcho passa a enfrentar uma crise substancial, com a falência de diversas empresas e o crescimento das taxas de desemprego de certas regiões.

A partir dos anos 2000, a indústria calçadista voltou a se recuperar de forma lenta, através de novas estratégias de operação e desenvolvimento de novos produtos e novas parcerias comerciais.

Ainda que houvesse a diminuição da participação do setor calçadista gaúcho em âmbito nacional e internacional, o estado foi responsável no ano de 2017, por cerca de 29% do valor de produção segundo dados do IBGE.

5. Os colonos na indústria de Picada Café

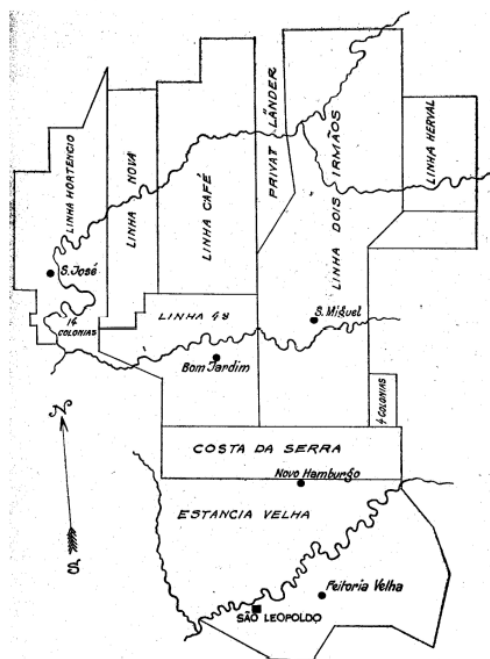
O terceiro e último capítulo, abordará uma síntese histórica da cidade de Picada Café no Rio Grande do Sul, e a transformação da indústria local, voltada a produção de calçado, transformando a cidade em um polo industrial. Outro elemento tratado neste capítulo se refere ao surgimento do colono-operário, um grupo que aparece como uma nova forma de recrutamento de trabalho nas áreas periurbanas, e que, apesar disso, ainda mantém suas residências no meio rural, não deixando de também exercer seu trabalho de agricultor e fazendeiro

5.1 Uma breve história de Picada Café

O município de Picada Café com sua emancipação datada do dia 20 de março do ano de 1992, encontra-se situada a 80km de Porto Alegre e 45km de Caxias do Sul e Gramado, no estado do Rio Grande do Sul. A cidade possui cerca de 84km² e faz divisa com os municípios de Nova Petrópolis (norte), Linha Nova (oeste), Presidente Lucena (sudoeste), Morro Reuter (sul) e Santa Maria do Herval (leste).

Picada Café foi povoada principalmente por imigrantes alemães, e pertenceu a cidade de São Leopoldo, conhecida também como “Colônia Velha”, durante os anos de 1824 até 1875, onde passou a pertencer ao município de São Sebastião do Caí. Já em 1954, Picada Café e sua principal sede Joaneta, se integra ao recém criado município de Nova Petrópolis.

Figura: Mapa de São Leopoldo Colônia (Velha Colônia)



Carta da Colônia de São Leopoldo

Fonte: http://www.rootsweb.ancestry.com/~brawgw/alemanha/col_SaoLeopoldo.htm

Estes primeiros povoados germânicos que migram para a região se instalaram primeiramente em dois locais; Schneidersthal (Vale do Schneider) e Morro Bock, duas localidades que receberam as famílias Schneider e Bock respectivamente. Por volta de 1850 foram abertas as primeiras clareiras, assim como instaladas as primeiras moradias ao longo do Rio Cadeia e ao longo das encostas e colinas.

O objetivo da migração era manter o território explorado, povoar as terras e branquear a população. Para os alemães que chegaram, emigrar poderia ser a solução para a situação de extrema pobreza em que a Alemanha se encontrava neste período.

Este povoamento se deu nas áreas de matas densas e desprotegidas, surgindo assim as chamadas "picadas", trilhas abertas a facção que serviam para determinar os lotes que seriam distribuídos aos imigrantes. A vida no meio rural da colônia alemã foi caracterizada principalmente pelas pequenas propriedades, que formavam o núcleo da colônia, e as picadas, as vertentes desta.

As famílias destes imigrantes se dedicaram num primeiro momento, a agricultura como meio de subsistência. Após isso, deram início ao cultivo de animais como porcos, galinhas e gado leiteiro. Em seguida, depois de bem instalados, começaram a comercializar os excedentes de suas produções nas vendas locais e também para as colônias ao redor. A mescla destas ocupações com a produção de produtos artesanais foi de extrema importância para a manutenção agrícola e pecuária, e essencial para o surgimento de empresas e a comercialização de produtos manufaturados.

Após a instalação nestas terras, se deu início a organização de elementos da vida cotidiana, como o estabelecimento de escolas, igrejas e clubes. Segundo Dreher (2014), grande parte dos imigrantes eram também artesãos, o que incentivou rapidamente o surgimento de funilarias, marcenarias, carpintarias, serrarias e moinhos.

A origem do nome da cidade de Picada Café possui duas versões. A primeira diz respeito quanto a passagem dos tropeiros que desciam da Serra, e paravam no povoado para tomar café. A segunda teoria conta que a localidade de Kaffe Eck (Canto do Café), serviu de experimento ao governo da época para a plantação de café, iguaria nacional servida aos tropeiros que percorriam a Serra.

Em 20.03.1992, com a Lei 9.546, Picada Café foi incluída aos 94 municípios gaúchos até então criados, emancipando seus territórios das cidades de Nova Petrópolis, Ivoti e Santa Maria do Herval. Segundo dados do IBGE (2020), a cidade possui cerca de 5.738 habitantes, espalhados em 84km², compostos pelos principais bairros Kaffe Eck, Joaneta, Jammerthal, Picada Holanda, Quatro Cantos, Lichtenthal e Morro Bock.

Um fato marcante para a cidade foi a construção da Rodovia Getúlio Vargas, BR – 116, no ano de 1945, que possibilitou o fluxo comercial com a cidade, estimulando a modernidade, as atividades agrícolas e industriais.

O mapa abaixo nos apresenta a localização e divisão atual de Picada Café, assim como identifica os municípios que fazem divisa com o mesmo.

Figura: Mapa da cidade de Picada Café, RS.



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Picada+Caf%C3%A9,+RS,+95175-000/@-29.4360845,-51.1974753,11.25z/data=!4m5!3m4!1s0x95194ce20c1f2abf:0x992be23fcf9eae5d!8m2!3d-29.4503793!4d-51.1331285>

Estas localidades tiveram o mesmo processo de desenvolvimento, dispondo principalmente de casas em estilo enxaimel, vendas, salões de baile, moinhos, ferrarias, escolas primárias e igrejas. As comunidades que lá residiam, viviam da agricultura familiar, baseada na produção de feijão, arroz, milho, mandioca, batatas e alguns legumes, além da criação de aves, gados e suínos.

Entre os estabelecimentos comerciais da comunidade, duas casas se destacaram: a da família Wittmann e da família de Jorge Kuhn. A primeira, possuía um sótão para hospedar empregados e viajantes e continha também um salão de “festas”, onde a bandinha tocava as marcas solicitadas pelo público. (FLORES, 1996, p.96)

“Os colonos traziam produtos como milho, feijão, amendoim, ovos, galinhas, marrecos, porcos, toucinho, banha, linguiça... Do leite, Lydia filha do comerciante, fazia queijo e manteiga. O colono matava porco para seu consumo. Conservava a carne cozida e salgada, submersa na banha. [...] Com a venda dos produtos rurais, os colonos compravam as mercadorias disponíveis nas casas de comércio, como bebidas, açúcar, sal, arroz, azeite, pregos, querosene, tecidos, roupas...” (FLORES, 1996, p.96)

Já a casa comercial de Jorge Kuhn continha ainda um açougue e um moinho, que fabricava farinha, canjica, cevada, farinha de milho e centeio.

“Possuía um complexo de salão de baile, casa de moradia, cozinha e copa, depósito, curral, matadouro, picador, açougue e moinho.” (FLORES, 1996, p. 98)

Atualmente a construção se faz presente no Parque Jorge Kuhn, sendo um importante ponto turístico da cidade e da região, funcionando como umas das sedes da Rota Romântica e centro de informações aos visitantes.

Figura: Moinho e açougue localizados atualmente no Parque Jorge Kuhn.



Fonte: <http://www.picadacafe.rs.gov.br/secao.php?pagina=3>

Figura: Moinho Jorge Kuhn no ano de 1930

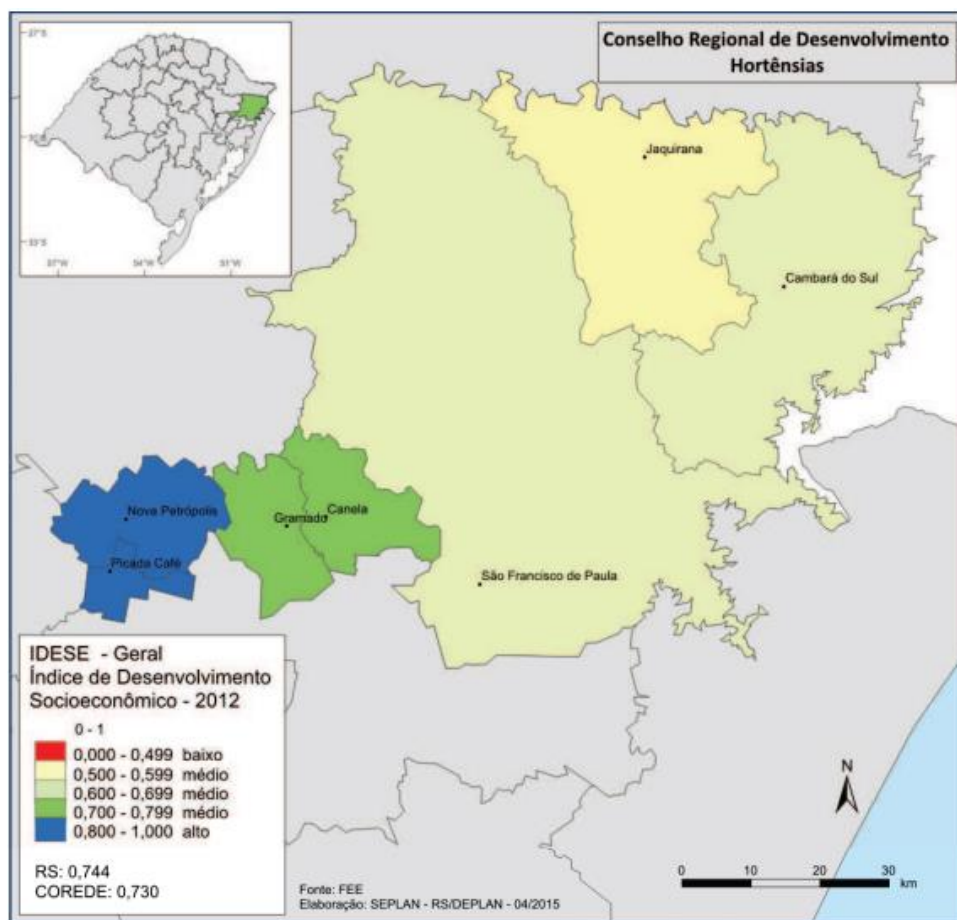


Fonte: (FLORES, 1996, p. 92)

Conhecida como “Cidade dos Lírios” em homenagem a flor símbolo do município, Picada Café integra a rede de turismo “Rota Romântica”, a qual estão incluídos mais 13 municípios, entre eles Gramado, Canela, Nova Petrópolis e Ivoti, todos possuindo características semelhantes, como cultura e origem germânica, e uma geografia similar, com vales profundos e encostas bem definidas.

A cidade também pertence a COREDE Hortênsias, o Conselho Regional de Desenvolvimento Hortênsias, que como demonstra o mapa abaixo, a cidade apresentava em 2012, os melhores índices de desenvolvimento socioeconômico da COREDE segundo levantamento da FEE (Fundação de Economia e Estatística).

Figura – Mapa do IDESE por município, COREDE Hortênsias - 2012



Fonte: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134130-20151117101627perfis-regionais-2015-hortensias.pdf>

Dados levantados em 2021 pela FEE, apontam que a COREDE das Hortênsias possuía naquele ano 148.278 habitantes, distribuídos numa área de 6.275,3km². (FEE, 2012). Já dados de 2020 do IBGE, nos mostram que a cidade de Picada Café possuía 55,3% da população empregada, com um salário médio de 1,9 salários mínimos e com um PIB de R\$ 56.938,63, ocupando a 66ª posição no Estado e a 303ª no País. (IBGE, 2020)

5.2 A base econômica de Picada Café

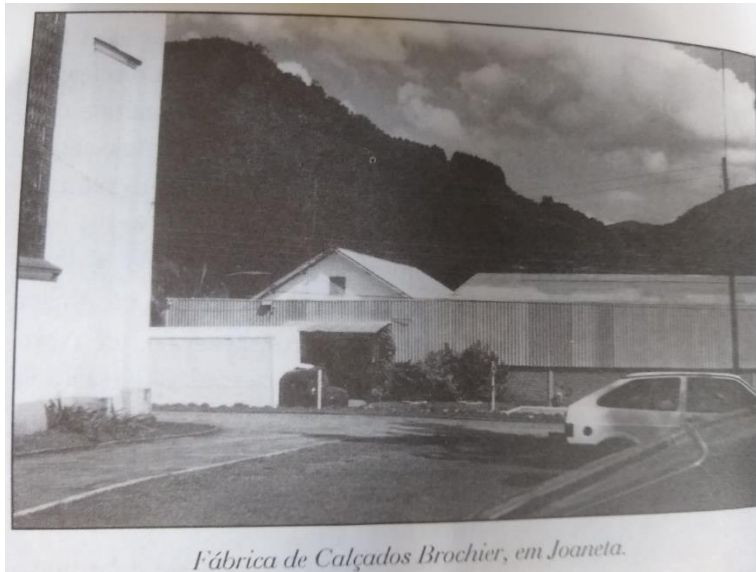
O processo de industrialização na cidade de Picada Café se dá por volta dos anos de 1940, com a instalação de pequenas fábricas administradas por sócio fundadores. Foi o caso do Curtume Ritter, que fundado em 1943, mudou completamente o rumo da economia do município e da região, assim como a vida das famílias rurais ali instaladas.

Com o surgimento de novas oportunidades de emprego nas indústrias, estas famílias perceberam novas formas de ascensão social, uma remuneração mensal estável e direitos trabalhistas.

Entre estas indústrias, os autores destacam uma das primeiras fábricas de calçados do município, a Fábrica de Calçados Brochier, que chegou a representar 24% do imposto industrial pago na cidade, e que possuía sua matriz na cidade de Novo Hamburgo. A empresa iniciou suas atividades na localidade de Joaneta no ano de 1981, a pedido do Padre Inácio Schabarum, do Padre José Backes e de Nesto Mallmann, com o objetivo de conter a evasão de jovens que iam buscar emprego fora da comunidade. (FLORES, 1996, p. 95)

As atividades da fábrica que deram início no prédio paroquial da comunidade, contava com cerca de 26 funcionários. Já no ano de 1995, a indústria calçadista possuía 111 estabelecimentos, representava cerca de 86% da arrecadação do município, e era responsável pela geração de 3.000 empregos nos setores primários e terciários. (FLORES, 1996, p. 95)

Figura: Fábrica de Calçados Brochier, 1981

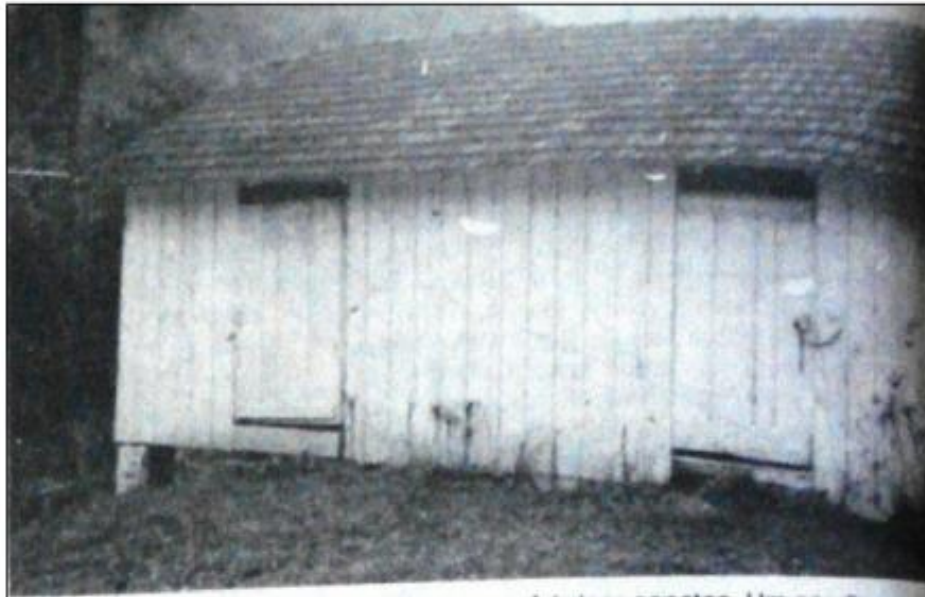


Fonte: (FLORES, 1996, p. 92)

Outras empresas com grande representatividade no setor enfatizam os dados citados acima. Podemos destacar ainda a Fábrica de Calçados Dakota e o Curtume Ritter, que possuíam na época cerca de 37% e 32% do valor em impostos pagos pela indústria de modo geral.

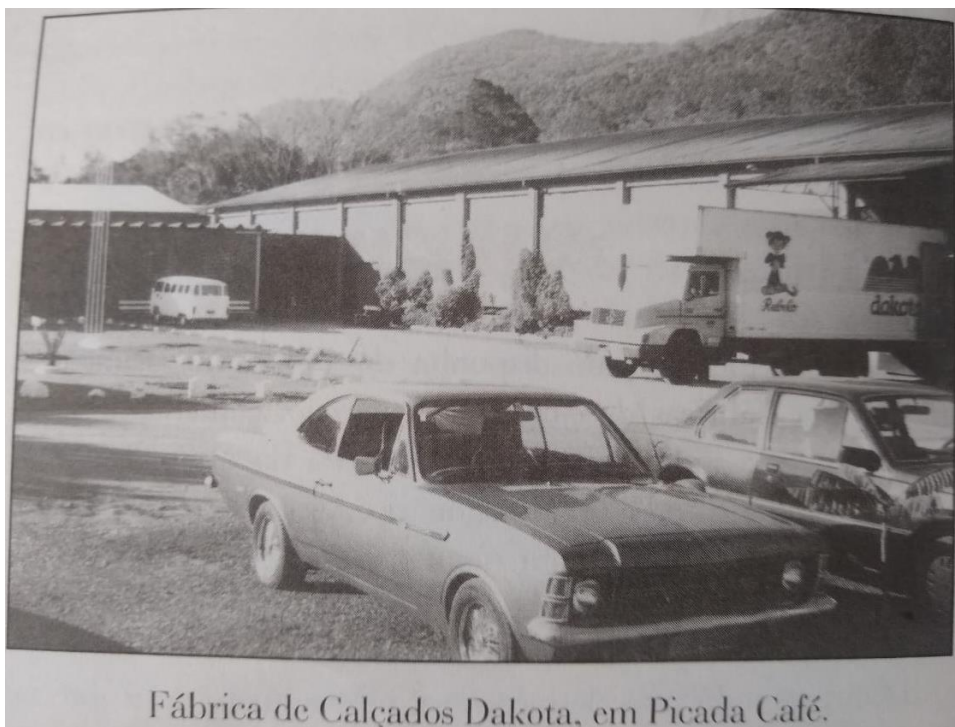
A Fábrica de Calçados Dakota teve seu início, através do artesanato familiar no ano de 1977, em um galpão da família Kirschner, adaptado para atender a marca de Calçados Rubello. Anos depois, a fábrica que empregava mais de 300 funcionários mudou seu nome para Dakota Calçados, e em 1994 mudou sua Matriz para a cidade de Nova Petrópolis, dispondo de filiais nas localidades de Pinhal Alto, Picada Café, Sarandi, Bom Retiro e também no estado do Ceará.

Figura: Galpão da família Kirschner, 1977.



Fonte: Jose Clóvis Prass, 2009

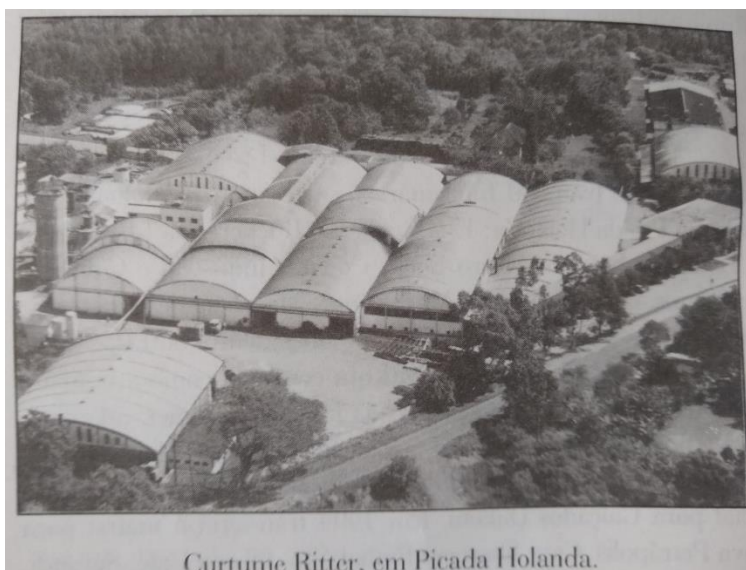
Figura: Fábrica de Calçados Dakota em Picada Café



Fonte: (FLORES, 1996, p. 92)

Já o Curtume Ritter, teve sua fundação no ano de 1943 com Fridolino Ritter, que comprou a fabriquetta de seu tio Oswaldo Ritter, em Linha Nova, a transferindo posteriormente para Picada Café por meio de carroças. Inicialmente os couros vinham de carroças das cidades próximas, como Feliz, Alto Feliz e Nova Petrópolis, e após o curtimento, Balduino Kuhn levava de caminhão os couros para as fábricas em Novo Hamburgo. (FLORES, A. H.; FLORES, 1996, p. 93)

Figura: Curtume Ritter



Fonte: (FLORES, 1996, p. 92)

Com o surgimento das indústrias calçadistas, se fortaleceram na região também outros serviços como os bancários, os comerciais e os de transporte. Além disto, houve uma grande evolução nos valores das terras das propriedades destas localidades, que atraíram pessoas das grandes cidades a fim de estabelecer "sítios de lazer" conhecidos também como "chácaras", o que movimentou a economia e o prestígio da região.

O assalariamento permitiu o aumento do poder aquisitivo por parte dos colonos, e sua maior participação nas relações econômicas locais, ocasionando na recuperação dos diversos núcleos rurais antes estagnados.

5.3 As forças do trabalho industrial

No contexto gaúcho, a partir do ano de 1980 ocorre um intenso crescimento da demanda de produção para o mercado externo, obrigando as empresas de calçados a buscarem novas formas de recrutamento da força de trabalho.

Neste cenário, os filhos dos colonos das microrregiões do Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari, viram na indústria calçadista além de um trabalho assalariado, uma alternativa ao trabalho agrícola, que já se encontrava bastante debilitado naquela época.

A sociabilidade dos colonos e visitantes da região, poderiam muitas vezes se dar por parentesco, proximidade social ou ligação religiosa. Porém o modo de vida desta sociedade colonial formada pelos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul manteve-se fechada até 1950, vindo a possuir mais relações com as demais regiões com a abertura de picadas e estradas, expandindo suas fronteiras na mesma medida em que expandiam sua comunidade.

O desenvolvimento industrial tratado aqui, ocorre a partir da década de 70 e é um processo que altera profundamente a estrutura produtiva gaúcha, modificando as relações de produção, a base tecnológica empregada e os métodos utilizados na confecção da época, questões que não só transformam os valores e entidades, como a tradição e os costumes destas comunidades.

Até conquistar o status de setor industrial, o movimento de industrialização gaúcho percorreu uma longa trajetória, que pode ser dividida em duas diferentes etapas. A primeira etapa decorre entre 1890 e 1930, período em que o artesanato do calçado consegue se automatizar e se modernizar em relação aos demais trabalhos artesanais do meio rural. A segunda fase vai de 1930 a 1970, onde ocorre um rápido crescimento nestas atividades artesanais coureiro-calçadista, acarretando o aumento de estabelecimentos especializados, assim como no aumento da mão de obra empregada nestas.

Apesar destes avanços, a indústria calçadista estagnou sua capacidade de produção devido à baixa demanda do mercado interno. Isto ocorre até o ano de 1970, com a criação de programas de estímulos fiscais e crediários no setor,

assim como a vinda de importadores à Feira Nacional do Calçado (FENAC), realizada na cidade de Novo Hamburgo.

A FENAC possibilitou o aumento dos contatos das empresas brasileiras com compradores externos e companhias de exportação, responsáveis por agenciar a compra e venda de calçados, assim como fortaleceu as participações em diversas outras feiras nacionais e internacionais.

Com este progresso surge também o desenvolvimento de novos mecanismos e melhorias nos processos produtivos destas firmas, tendo o modelo taylorista/fordista como cerne, que modificaram especialmente a forma de organização da produção, aumentando a escala produtiva e atraindo uma grande quantidade de trabalhadores das microrregiões do Vale dos Sinos.

Este atrativo de contingente de trabalhadores atraiu milhares de migrantes, em sua maioria filhos de pequenos colonos, o que acarretou num aumento da tensão social proveniente da urbanização desordenada e da superexploração do trabalho. A partir de 1985 surgem as primeiras lutas sindicais, e com isto as fábricas passam a flexibilizar os processos produtivos criando a polivalência, assim como promoveram a descentralização de suas unidades produtivas para zonas periurbanas, como a região da Encosta da Serra, Vale do Caí e o Vale do Taquari.

Dentro desta atmosfera, o professor Sérgio Schneider aponta três conceitos para tratar as novas formas de trabalho. O primeiro conceito destacado por ele seria o de “operários antigos”, o qual se refere ao momento da passagem das oficinas artesanais para as indústrias, onde alguns trabalhadores ainda guardam uma forte identidade étnica e cultural com os proprietários destas indústrias.

Esta identidade social e étnica é o principal diferencial deste tipo de trabalhador em relação aos demais. Sua disciplina na execução das tarefas e seu respeito aos valores e normas da cultura germânica, como organização e zelo pela qualidade, representam sua carreira e são motivo de seu orgulho, como descreve Germano Inácio Schorr, morador da cidade de Dois Irmãos, mas que possui um forte vínculo com a comunidade de Picada Café.

“Comecei a trabalhar já com 13 anos no Curtume Ritter em Picada Café, ficando cerca de 7 anos lá, mas como eu era muito novo não ganhei espaço para crescer lá dentro. Neste meio tempo iniciei meus estudos como técnico em curtimento, mas tive que largar por falta de dinheiro, partindo então a trabalhar na fábrica dos calçados Rubello, como auxiliar de almoxarifado, ganhando destaque e fazendo contatos com colegas e pessoas com cargos maiores. Assim me tornei chefe do almoxarifado e responsável pelas compras da empresa. Após isso acabei me casamento e me mudando, retornando para Picada Café com cerca de 30 anos, onde fui trabalhar na antiga empresa de calçados Caflex, também como chefe de almoxarifado e comprador. Após um tempo decidi abrir minha própria loja de artefatos em couro as margens da BR-116, a possuindo já a cerca de 35 anos. (Depoimento de Germano Schorr, Picada Café, 29 de outubro de 2022).

O entrevistado ainda conta que seu pai de 89 anos, se encaixa bem no tipo de trabalhador denominado como “operário antigo”, pois o mesmo saiu da roça para trabalhar no Curtume Ritter, onde trabalhou a vida inteira.

“Meu pai também começou bem cedo a trabalhar no Curtume Ritter, saindo da roça ele fez amizade com os atuais chefes e donos da empresa, ganhando grande destaque tanto na comunidade como dentro da empresa, tanto que foi através dele que eu pude iniciar o meu trabalho lá”. (Depoimento de Germano Schorr, Picada Café, 29 de outubro de 2022).

Muitas vezes estes trabalhadores foram colegas de trabalho de seus atuais patrões, e que por meio de laços pessoais ou de fidelidade dedicam-se a ocupar cargos de confiança, lhes conferindo também status e prestígio na comunidade.

Geralmente, ocupam postos de chefia ou cargos de confiança, o que lhes confere status e admiração. Sua influência sobre os demais trabalhadores é notória, por exemplo, no que se refere aos padrões disciplinares vigentes no chão de fábrica.

O segundo conceito se refere aos “migrantes proletarizados”, grupo composto por indivíduos que tiveram seu meio de subsistência, afetada pelo processo de modernização da agricultura, e com isto migraram para diversas outras regiões, inclusive os centros industriais do Vale dos Sinos, virando enfim proletários.

Temos o relato do atual morador de Picada Café, Binildo Klock, que vindo do interior de Santa Catarina, viu na indústria calçadista do Rio Grande do Sul uma oportunidade de crescimento profissional e melhor meio de sustentar sua família.

“Perdi meu pai muito cedo, e desde aquela época eu e meus irmãos tínhamos que ajudar minha mãe em casa e na roça. Depois quando casei, o trabalho da mulher na escola e a nossa horta não davam de chega pra sustentar a família. Então a gente ficou sabendo através de amigos e parentes, que na região onde a gente mora atualmente tinha muito mais empregos nas fábricas e na indústria. Então a gente se mudou pra Picada Café em 1991, e comecei a trabalhar na fábrica de calçados Borchier, e após a sua falência eu fui trabalhar também na indústria, mas desta vez no Curtume Ritter. Foram estes trabalhos que me possibilitaram construir a nossa casa e realizar as nossas conquistas. Hoje sendo aposentado ainda temos a nossa roça, de onde tiramos milho, melancia, aipim e feijão.” (Depoimento de Binildo Klock, Picada Café, 22 de outubro de 2022).

O terceiro grupo surge por consequência de dois processos que ocorrem a partir da década de 1980. A interiorização e a descentralização das unidades fabris calçadistas, em conjunto com o abandono do antigo sistema produtivo colonial, trazem uma nova relação entre o espaço rural e o espaço urbano, assim como um novo tipo de trabalhador, chamado por Sérgio Schneider de “Colono-Operário”.

É designado desta maneira, o trabalhador fabril que mantinha algum tipo de vínculo com atividades rurais ou agrícolas. Estas atividades poderiam ser tanto trabalhos permanentes como temporários, para subsistência ou fonte de renda extra.

“A interiorização é entendida como um processo de difusão e espraiamento do setor coureiro-calçadista que ocorre através do crescimento das empresas instaladas nas regiões próximas ao Vale dos Sinos. Em razão deste movimento, surge nestas regiões um novo tipo de trabalhadores que são os colonos- operários. Os colonos-operários são trabalhadores assalariados que mantêm uma estreita relação com a agricultura e o meio rural, muitas vezes até dedicando parte de seu tempo de trabalho livre às atividades agrícolas da propriedade.” (SCHNEIDER, 2004, p. 3)

Este trabalhador passa a preservar seu trabalho rural, unindo estes dois ambientes sociais e econômicos, lhe permitindo reduzir seus custos de vida,

garantindo melhores condições para sua família e o desenvolvimento da sua comunidade, já que nestes espaços ocorrem as relações sociais comunitárias.

"Os colonos-operários formam uma categoria social do mercado de trabalho do setor coureiro-calçadista que surge, portanto, na esteira do processo de descentralização e interiorização da industrialização, iniciada na década de 1980. Os colonos-operários constituem-se dos membros das famílias de agricultores que apesar de manterem residência nas áreas rurais trabalham nas fábricas de calçados" (SCHNEIDER, 2004, p. 29)

Podemos notar no exemplo dado por Daniela Staudt, trabalhadora fabril que ainda mantém forte relação com o trabalho rural:

"Comecei a trabalhar muito cedo, desde criança, aos 9 anos. Eu estudava pela manhã e à tarde eu ia para a roça com meus pais, onde plantávamos milho, batata inglesa, aipim, arroz, hortaliças para nosso sustento, e tínhamos também pés de frutas. Tínhamos galinhas para ovos, vacas leiteiras e gado para abate, até pato tínhamos. Aos 14 anos comecei a trabalhar na fábrica de calçados, onde trabalho até hoje, mesmo assim continuo tendo a minha horta onde planto alface, temperos, batatas, repolho e chás, e ainda possuo galinhas para a colheita de ovos. É muito gratificante e temos muito orgulho de poder manter esta relação com a roça, que nos é passada de geração por geração, ainda mais pois como são coisas que plantamos em casa, não usamos nenhum agrotóxico, e ainda mantemos uma economia financeira, e podemos colher estes produtos frescos e sem venenos." (Depoimento de Daniela Staudt, Picada Café, 08 de novembro de 2022).

Este tipo de trabalhador dispôs de um novo modo de ser inserido na sociedade dos agricultores familiares, avistando nos empregos assalariados das fábricas de calçado, melhores condições de vida e de desenvolvimento de sua família, que passa a possuir rendas diversificadas.

Além dos conceitos das formas de trabalho levantados por Schneider (2004), é importante destacar a estratégia realizada na indústria de atelieres de calçados, responsáveis por desempenhar o papel de "terceirização" da produção, através da subcontratação de serviços de terceiros, fora da planta industrial. Estes serviços incluem diversas etapas da produção, sendo a preparação e a costura os principais serviços repassados para os atelieres pelas grandes empresas, que visam baratear tanto o custo de produção quanto os custos com encargos contratuais.

As principais causas do aparecimento dos atelieres, está vinculada com a imensa demanda de serviços intensos e muito específicos, como por exemplo trançados e costuras diferenciadas, que concedem aos calçados gaúchos, em especial os femininos, um visual único e diferenciado.

Além do trabalho em atelier, podemos evidenciar também os trabalhos realizados em domicilio, muito comuns naquela época. Este trabalho era realizado sobre tudo de forma informal por mulheres, idosos e até mesmo crianças, como forma de ampliar a renda familiar.

As novas formas de estruturação do trabalho e a descentralização do espaço industrial estão entre as consequências e avanços mais significativos das transformações ocorridas na região examinada.

6. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar o processo de formação do polo calçadista brasileiro, gaúcho e principalmente da região das hortênsias no Rio Grande do Sul, assim como relacionar as formas de organização do trabalho e os agentes participativos deste, com as teorias de crescimento regional e os paradigmas de produção capitalistas que surgem através do advento da Revolução Industrial.

Ao longo dos anos, diversos estudiosos buscaram compreender novos e antigos conceitos de modelos de produção, dando destaque a proximidade dentro deste meio industrial como fator fundamental para a competitividade, a inovação e a lucratividade.

Verificou-se na bibliografia analisada, diversos fatores que davam a algumas firmas vantagens em relação as suas concorrentes, principalmente quanto ao uso de recursos e a organização do processo de produção.

Os fatores averiguados nos mostram que até mesmo as pequenas empresas localizadas nas regiões de aglomeração industrial são capazes de se beneficiar melhor das economias externas, devido ao melhor acesso aos recursos industriais, aos fornecedores e a mão de obra, ou seja, fatores provenientes do dinamismo econômico.

Para compreender melhor as mudanças ocorridas na indústria calçadista brasileira e gaúcha, buscamos compreender em um primeiro momento, as características e composições do calçado, principal produto deste estudo. Esta averiguação nos possibilitou compreender melhor as mudanças ocorridas quanto as formas de organização da produção e da força de trabalho, que visavam como resultado o melhoramento dos métodos e dos processos de fabricação, buscando mais lucratividade e competitividade.

Após isto, verificou-se o crescimento do consumo, da produção e da exportação do calçado em diversos países, onde encontram-se em destaque a China, a Índia, o Brasil e a Itália, principais produtores deste artigo no ano de 1998. Este crescimento está atrelado ao aumento de renda e de melhora em

fatores sociais como mais igualdade e ofertas de créditos, ocasionando no surgimento de uma nova classe média, disposta ao consumo em massa.

A indústria calçadista gaúcha que teve seu início no ano de 1824, foi uma das grandes responsáveis pela produção calçadista no Brasil, chegando a representar cerca de 75% da produção nacional no ano de 2012. Devido ao acirramento com as industriais estrangeiras, inicia-se o deslocamento de uma série de empresas fabricantes de calçados para regiões que apresentavam vantagens específicas, como benefícios fiscais e menores custos de produção.

Em âmbito regional, observou-se a busca por novas formas de recrutamento de força de trabalho, e novas estratégias de produção, resultando na flexibilização dos processos produtivos e na descentralização das unidades fabris para zonas periurbanas, como a região do Encosta da Serra, Hortênsias e Vale do Caí.

Em decorrência disto, surge como descrito por Schneider (2004), uma correlação da indústria calçadista com o sistema econômico e rural local, marcados pela agricultura familiar, inserindo as microrregiões gaúchas e suas populações no contexto mundial calçadista.

Através da verificação bibliográfica e das conversas com os entrevistados, pode-se averiguar também, a incorporação de novos tipos de trabalhadores, como os “operários antigos”, os “migrantes proletarizados” e os “colonos operários”, todos podendo ser considerados também novas estratégias de desenvolvimento industrial diante do processo de descentralização e interiorização das fábricas

Por fim, é possível afirmar que a cidade de Picada Café, assim como as demais localidades citadas neste trabalho, são de grande referência quanto a modelo de polo industrial, visto uma vez que possuem em sua história de formação, a busca por uma organização especial do trabalho, visando flexibilidade e vantagens na organização de seu espaço, como redução de custos, melhores índices de competitividade e inovação, alcançando como bônus disto, uma identidade socio cultural com destaque a boa relação entre empregados e empregadores, tanto dentro das firmas como fora delas.

Este trabalho foi fundamental para compreendermos a visão histórica do surgimento e desenvolvimento da indústria calçadista dentro do Brasil, do Rio Grande do Sul, e em especial a cidade de Picada Café e região, assim como a formação de estratégias por parte das indústrias e governos, e o aparecimento dos tipos de trabalhadores que formaram com muito suor parte da comunidade existente até os dias de hoje.

Referências

Referências bibliográficas

ANJOS, F.S. **A Agricultura Familiar em Transformação: O caso dos colonos-operários de Massaranduba (SC)**. Porto Alegre, UFRGS/IFCH. Dissertação Mestrado, 1994.

CORRÊA, A. R. **O complexo coureiro-calçadista brasileiro**. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, 2001.

COSTA, Achyles B. da; FLIGENSPAN, Flávio B. **O deslocamento de empresas de calçados para o nordeste brasileiro**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

COSTA, Achyles Barcelos de.; FLIGENSPAN, Flávio Benevett (coordenadores). **Avaliação do Movimento de Relocalização Industrial de Empresas de Calçados do Vale dos Sinos**. Porto Alegre: SEBRAE/RS-Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul, 1997. (Pesquisa elaborada pelo Núcleo de Estudos de Tecnologia, Indústria e Trabalho NETIT/UFRGS).

FLORES, Hilda; FLORES, Moacyr. **Picada Café**. Porto Alegre: Editora Nova Dimensão, 1996.

LAGEMAN, Eugênio. **O setor coureiro-calçadista na história do Rio Grande do Sul. Indicadores Econômicos**. FEE, Porto Alegre, ano 7, nº 2, p.69-82, 1986

METROPLAN. **Plano estratégico de desenvolvimento do Paranhana/Encosta da Serra**. — Porto Alegre: 1996.

Nery, Maria Goreth e Silva. **O Polo calçadista de Itapetinga (BA): um estudo das relações produtivas e dos aspectos políticos do espaço industrial / Maria Goreth e Silva Nery**. – Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas: 2003. Dissertação de Mestrado.

PESAVENTO, S.J. **Agropecuária Colonial e Industrialização**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

REIS, C.N. **A indústria brasileira de calçados: inserção internacional e dinâmica interna nos anos 80**. 1994. 266 f. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade de Campinas, Campinas.

REIS, M. **Reestruturação internacional e inserção do Brasil na indústria de calçados**. Campinas: UNICAMP, 1992. Dissertação de Mestrado.

ROCHE, J. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Ed. Globo, II Volumes, 1969.

RUAS, Roberto. **O conceito de cluster e as relações interfirmas no complexo calçadista do Rio Grande do Sul**. In: FENSTERSEIFER, Jaime Evaldo (org.). *O complexo calçadista em perspectiva: tecnologia e competitividade*. — Porto Alegre: Ortiz, 1995.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1999.

SCHNEIDER, S. **Os Colonos da Indústria Calçadista: Expansão Industrial e as Transformações da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul**. IFCH/UNICAMP, 1994. Dissertação de Mestrado.

SENAI. R.S. **A região do Paranhana e das hortênsias, diagnóstico do mercado de trabalho industrial para a atuação do SENAI RS**.— Porto Alegre: 51p. 1994.

SEYFERTH, G. **Aspectos da Proletarização do Campesinato no Vale do Itajaí (SC): os colonos-operários**. In: LOPES, J.S.L (org.) *Cultura e Identidade Operária*. São Paulo, Marco Zero, 1987

SEYFERTH, G. **Camponeses ou Operários? O Significado da Categoria Colono numa Situação de Mudança**. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Volume. XXIX, Nova Série, 1984

WAIBEL, L. **Princípios da Colonização Europeia no Sul do Brasil**. Revista Brasileira de Geografia, Ano XI (2):159/217, 1949

WILLEMS, E. **Aculturação dos Alemães no Brasil. Estudo Antropológico dos Imigrantes e seus Descendentes no Brasil**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1946.